

---

# INSURREIÇÃO E QUADRO POLÍTICO: FRENTE SANDINISTA E A OPÇÃO PELA VIA ARMADA NA NICARÁGUA

## INSURRECTION AND POLITICAL FRAMEWORK: SANDINISTA FRONT AND THE OPTION BY THE ARMED WAY IN NICARAGUA

---

Fred Maciel  
Mestrando em História - UNESP/  
Franca – Bolsista Fapesp  
[fredmaciel06@gmail.com](mailto:fredmaciel06@gmail.com)

**RESUMO:** A América Latina, em especial a América Central, presenciou um quadro quase geral de instabilidade e insatisfação das camadas populares durante a segunda metade do século XX. Tentativas legais e democráticas de reverter o quadro de opressão e exclusão foram colocadas em prática pelas massas populares latino-americanas, mas mostraram-se ineficazes. A luta armada passou a ser a opção mais concreta de realização dos anseios populares. Portanto, tomando como base a experiência nicaraguense na Revolução Sandinista, por ser claro exemplo do uso da luta armada como meio eficiente de contestação, discutiremos aspectos referentes à escolha da via armada como opção de luta, seus aspectos políticos e direcionamentos estratégicos. Dessa forma, buscaremos promover um exercício de análise do movimento sandinista sob a ótica da insurreição popular armada, ou seja, levando-se em consideração a mobilização popular e a escolha da via armada como caminho, uma vez que consideramos tal análise de valiosa importância para uma compreensão de dito episódio histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nicarágua. Revolução Sandinista. Luta armada.

**ABSTRACT:** Latin America, especially Central America, has witnessed an almost complete panorama of instability and dissatisfaction of the lower classes during the second half of the twentieth century. Legal and democratic attempts to reverse the oppression and exclusion situation were put in place by the Latin American popular masses, but have proven ineffective. The armed struggle has become the more concrete option of realization of popular aspirations. Therefore, based on the Nicaraguan experience in Sandinista Revolution, by to be clear example of the use of armed struggle as an efficient way of contestation, we will discuss aspects regarding the choice of armed way as fight option, its political aspects and strategic directions. Thus, we will seek to promote an analytical exercise of the Sandinista movement under the perspective of armed popular insurrection, that is, taking in consideration the popular mobilization and the choice of armed way, once we consider this analysis of valuable importance for a understanding of said historical episode.

**KEYWORDS:** Nicaragua. Sandinista Revolution. Armed struggle.

### Introdução

Para entender cabalmente a história da América Central há que estudar a origem, o desenvolvimento e as ramificações dos inúmeros movimentos sociais que sacudiram o continente tornando-o polêmico nas discussões historiográficas. Nesse plano, a Nicarágua e sua vitoriosa insurreição armada popular merecem destaque. Ao conseguir por fim ao regime autoritário da família Somoza, o movimento unido em torno da *Frente Sandinista de*

*Liberación Nacional* (FSLN) evocou com força renovada, vinte anos após a Revolução Cubana de 1959, a possibilidade de se almejar uma nova realidade, mais justa e igualitária. Assim, no dia 19 de julho de 1979, movimentos de diferentes organizações reunidos em uma frente popular avançaram sobre Manágua, a capital nicaraguense. O antes segmentado e heterogêneo movimento de oposição à ditadura da família Somoza, então se unia em torno da Frente Sandinista. A partir deste momento, com a ascensão de um novo governo e seu regime político oposto aos interesses estadunidenses, novas e crescentes atenções se voltaram para esse peculiar e esquecido país da América Central.

Na segunda metade do século XX, a América Latina presenciou um quadro quase geral de instabilidade e insatisfação das camadas populares. Experiências insurrecionais como o *bogotazo*<sup>1</sup> de 1948 e os *cordobazo* e *rosariazo*<sup>2</sup> entre 1969 e 1981 foram exemplos de dito panorama político-social. Nesse plano, é importante ressaltar que o movimento insurrecional nicaraguense teve suas especificidades em comparação com outras movimentações sociais de tipo insurrecional do mesmo período. Assim, a atuação da FSLN pode ser considerada um fator preponderante na vitória insurrecional, especialmente quando tratamos de sua articulação e organização das massas, em torno de um objetivo político motor de todo o processo. Portanto, abordaremos algumas questões referentes aos posicionamentos (estratégicos e ideológicos) da FSLN, bem como sua opção pela via armada.

### **Objetivos estratégicos: FSLN e panorama ideológico-estratégico**

Antes de aprofundar questões concernentes à FSLN e à luta armada, acreditamos ser necessário tratar brevemente a respeito do contexto anterior à formação da Frente Sandinista, uma vez que seus posteriores princípios de luta estavam fortemente influenciados por tal quadro.

No início do século XX a América Latina estava prestes a entrar em uma imensa crise econômica, política e cultural. A ininterrupta ausência de estabilidade e/ou a falta de

---

<sup>1</sup> Episódio que envolveu inúmeros protestos e motins após o assassinato do líder liberal e candidato a presidente Jorge Eliécer Gaitán em 9 de abril de 1948 na cidade de Bogotá, Colômbia. Acontecimentos posteriores desencadearam um período de repressão por parte do governo, conhecido como “La Violencia”, que durou aproximadamente até 1958.

<sup>2</sup> Em referência à série de movimentos de protesto na Argentina contra a ditadura de Juan Carlos Onganía. Ocorrido em 29 de maio de 1969 na cidade de Córdoba, o *Cordobazo* teve um efeito multiplicador de manifestações violentas contra o governo militar, sendo fator determinante para a debilitação e posterior destituição de Onganía do poder. O *Rosariazo* teve espaço entre os meses de maio e setembro de 1969, na cidade de Rosario, envolvendo greves e diversas manifestações.

maturidade política – fruto de um forte regionalismo e dependência externa – fizeram com que a ingerência estadunidense se tornasse constante nesse continente, especialmente na América Central. Nesse sentido, os Estados Unidos abarcaram a ideia da criação de forças militares organizadas em toda a América Central e Caribe, combinando funções militares e policiais de forma a aperfeiçoar a segurança interna e minimizar a corrupção, além de manter um aliado político quase permanentemente. Contudo, o efeito foi o oposto: institucionalização da corrupção, monopólio sobre a violência legítima e repressão política. O exemplo nicaraguense da Guarda Nacional é emblemático nesse aspecto.

Em dito contexto, a Nicarágua se incluía no denominado protetorado virtual de dominação dos Estados Unidos, com presidentes conservadores subservientes a Washington. Além disso, apesar da já conquistada independência – considerada por alguns autores como um mero subproduto dos conflitos em uma área mais populosa, com pouco ou nenhum impacto sobre a vida de grande parte da população (ZIMMERMANN, 2006) – o país permaneceu em sua maioria camponês e dependente da agroexportação. Em 1910, uma guerra civil em torno do governo do liberal José Santos Zelaya levou a uma intervenção militar estadunidense, representado pelos *marines*<sup>3</sup>. A partir desse momento, a história nicaraguense e suas decisões políticas estiveram estritamente vinculadas à orientação dos Estados Unidos.

O processo revolucionário que impôs a queda do regime ditatorial da família Somoza - período este de rearticulação do problema nacional e democrático na Nicarágua (RODRIGUES, 1996), em que um elenco de forças sociais heterogêneas coadunado em torno de um objetivo comum (liquidar a ditadura somozista e abrir o caminho para uma nova realidade popular) e representado pela FSLN, marcou a busca pela autodeterminação e reafirmação nacional.

Para aclarar tal quadro exporemos um panorama do governo somozista. A ditadura da família Somoza teve início em meados da década de 1930, quando Anastasio Somoza García chegou ao poder por meio de um golpe de Estado. O assassinato do mesmo em 1956 não determinou o fim do regime opressor: seus filhos, Luis e Anastasio Somoza Debayle, dariam continuidade ao governo oligárquico e autoritário. O surto econômico do algodão permitiu ao clã Somoza (composto por familiares, aliados políticos e membros de cargos elevados da Guarda Nacional, única força militar e policial existente na Nicarágua) acumular uma riqueza considerável, ao mesmo tempo em que gerou miséria e desigualdade nas camadas populares.

---

<sup>3</sup> O termo refere-se ao Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (em inglês, *United States Marine Corps* – USMC). Tal força militar possui um extenso histórico de intervenções na América Latina.

O sentimento de revolta e oposição de alguns setores da sociedade (especialmente setores trabalhadores e camponeses, mas também setores médios e da burguesia alheios ao somozismo) à dita situação no país culminou na fundação da FSLN no início da década de 1960.

Ademais, para se entender a vitória sandinista, deve-se ter como pressuposto a ideia do somozismo como a única tentativa na história da Nicarágua de quebrar uma estrutura de poder secularmente articulada a partir das grandes famílias e de disputar a hegemonia das mesmas, de forma a deixá-las à margem do governo e enfrentando-as no terreno dos negócios (MARTÍ I PUIG, 2002). É importante ter essa concepção do regime da família Somoza para que percebamos com mais clareza o sentido da atuação sandinista.

As origens e nome da FSLN remetem à figura de Augusto C. Sandino, o “*General de Hombres Libres*”. Por um período de quase uma década (1926-34), Sandino apareceu ativamente no cenário nacional nicaraguense. Imbuído de aspectos anti-intervencionistas e liberais (inicialmente muito mais estes últimos que os primeiros), Sandino atuou diretamente na guerra entre liberais e conservadores; contudo, permaneceu lutando mesmo com a paz estabelecida entre as duas facções, combatendo em nome de um compromisso contra a situação do país. Seu movimento, com homens reunidos no *Ejército Defensor de la Soberanía Nacional de Nicaragua* (EDSN), teve repercussões consideráveis por toda a região, infligindo a primeira derrota militar dos *marines* em território latino-americano.

Criada em 1961 e considerada pertencente à segunda onda de movimentos guerrilheiros da América Latina<sup>4</sup>, a FSLN<sup>5</sup> surgiu como um movimento de oposição ao regime autoritário da família Somoza. De acordo com Jaime Wheelock (1986), a criação da FSLN permeava a ideia de construção de uma vanguarda político-militar que preparasse as condições para a luta armada. Porém, até o fim da década de 1960, ainda havia a dificuldade

---

<sup>4</sup> De acordo com Timothy Wickham-Crowley e Salvador Martí I Puig, divide-se a análise dos movimentos guerrilheiros latino-americanos da segunda metade do século XX em dois períodos. A primeira “onda” faz referência às organizações que surgiram e atuaram à luz da Revolução Cubana, operando na década de 60. Enquadram-se nessa classificação as organizações colombianas – *Fuerzas Armadas Colombianas* (FARC), *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) e *Ejército Popular de Liberación* (EPL); as *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) e o *Movimiento Revolucionario 13 de Noviembre* (M-13) da Guatemala; os grupos peruanos *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) e *Ejército de Liberación Nacional* (ELN); as *Fuerzas Armadas de Liberación Nacional* (FALN) e o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) na Venezuela; além do foco guerrilheiro de Che na Bolívia. Já a segunda “onda” guerrilheira diz respeito ao ressurgimento da atividade guerrilheira, principalmente a partir de 1975. Esse segundo momento foi relevante em países nos quais a guerrilha não tinha tanta incidência na vida política, como na Nicarágua e El Salvador, e também naqueles em que a mesma foi revitalizada, casos de Colômbia, Peru e Guatemala (MARTÍ I PUIG, 2002; WICKHAM-CROWLEY, 1992).

<sup>5</sup> Inicialmente chamada *Frente de Liberación Nacional* (FLN). A designação ‘sandinista’ foi acrescentada em 1963.

em conciliar o “trabalho conspirador” com o “trabalho de massa”, impedindo alcançar uma posição hegemônica no cenário nicaraguense (UDRY, 1986, p. 112). O panorama seria transformado principalmente após o terremoto que atingiu a capital Manágua em 1972, quando o clã Somoza desviou verbas de ajuda internacional para benefícios próprios. A partir de então um ambiente político-social mais disposto às opções contra o regime vigente favoreceram o crescimento da FSLN e da luta armada enquanto alternativa aos descontentamentos de diversos setores nicaraguenses. O assassinato de Pedro Joaquín Chamorro<sup>6</sup>, em 1978, foi outro fator determinante na mobilização popular. Segundo Matilde Zimmermann (2006, p. 82), um vigoroso padrão de auto-organização por parte das massas populares marcou todo aquele período entre o assassinato de Chamorro em janeiro de 1978 e a vitória revolucionária, 18 meses depois.

É importante ressaltar que, após sua constituição no início dos anos 60, a FSLN centrou suas ações na atividade guerrilheira e na penetração no meio rural, em detrimento da organização, da educação política das massas e da agitação nas zonas urbanas. Como retrata Salvador Martí i Puig (2002, p. 8): “*La guerrilla sandinista fue – en el grueso de su historia (1961-1975) – un pequeño foco guerrillero en las montañas del norte y centro del país que se nutría, mayoritariamente, de cuadros estudiantiles*”<sup>7</sup>. Somente em meados da década de 70, tem-se uma maior estruturação e divisão das atividades da Frente Sandinista em âmbito nacional e igualmente nas zonas rurais e urbanas.

Quanto à influência do caso cubano, podemos dizer que a Revolução Cubana produziu um forte impacto no mundo mítico e simbólico da esquerda radical; o mito criado em torno da vitória revolucionária pela via armada não mudou a realidade, mas sim a forma de percebê-la e de elaborar propostas coletivas para sua transformação. Tomás Borge (1982, p. 46) expôs bem o impacto do movimento revolucionário cubano para os integrantes da esquerda nicaraguense, futuros criadores da FSLN:

La victoria de la lucha armada en Cuba representó el levantamiento de innumerables velos, un destello de luz que permitió ver más allá de los simples y aburridos dogmas de entonces. [...] Vimos en Fidel la insurrección de Sandino, la respuesta de nuestras dudas, la justificación de nuestros sueños.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Editor do jornal *La Prensa*, antigo dirigente do Partido Conservador e então opositor mais famoso do país.

<sup>7</sup> Tradução livre: “A guerrilha sandinista foi – no grosso de sua história (1961-1975) – um pequeno foco guerrilheiro nas montanhas do norte e centro do país que se nutria, principalmente, de quadros estudantis”.

<sup>8</sup> Tradução livre: “A vitória da luta armada em Cuba representou o levantamento de inúmeros véus, um lampejo que permitiu ver mais além dos simples e tediosos dogmas de então. [...] Vimos em Fidel a insurreição de Sandino, a resposta de nossas dúvidas, a justificativa de nossos sonhos”.

Imbuídos deste espírito combativo, e alimentados pela necessidade exposta por Ernesto Che Guevara (1980)<sup>9</sup> da criação das condições para o estouro revolucionário por meio da vontade própria do povo, o foco guerrilheiro mostrou-se uma necessidade premente para os sandinistas. Assim, caberia à vanguarda política, no caso nicaraguense a Frente Sandinista, conduzir as massas à dita práxis revolucionária. A função principal do foco guerrilheiro consiste em ameaçar a legitimidade e o monopólio do governo constituído, de forma a tentar minimizar sua força e centrar as ações oposicionistas, constituindo uma “espiral de ação-reação” na qual, a médio e longo prazo, as únicas opções para a oposição sejam a luta guerrilheira ou o exílio (MORENO, 1971)<sup>10</sup>. O foquismo teve impacto determinante no universo latino-americano, principalmente nos meios universitários e intelectuais, contribuindo para a formação de organizações de vocação revolucionária e adeptas da luta armada, como por exemplo, o *Movimiento Nueva Nicaragua*, uma coalizão de diversas organizações deste tipo, considerado um prelúdio da FSLN.

Analisando exclusivamente a FSLN, devemos considerar a mesma não só como vanguarda política, mas também como vanguarda militar, no campo da luta armada. O papel dirigente da mesma perante uma insatisfação quase generalizada – especialmente após o assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, líder opositor da chamada *burguesia antisomozista*, em 1978 – foi de fundamental importância para a organização dos quadros populares no âmbito da atuação político-militar.

Desse modo, um ponto importante é compreender de que maneira a FSLN conquistou a direção da luta contra o regime autoritário da família Somoza. Para Charles Udry (1986, p.111), a trajetória da revolução nicaraguense resultou, em grande parte, da capacidade da FSLN em saber se impor como o adversário mais radical da ditadura somozista. Ao identificar o governo Somoza como principal inimigo a ser combatido, a direção sandinista demonstrou a aptidão de reviver uma corrente revolucionária latente, aquela personificada em Augusto C. Sandino. Assim, a Frente Sandinista conseguiu impulsionar reivindicações, fortaleceu a organização das massas trabalhadoras urbanas e articulou as exigências de amplos setores da população ao seu projeto de luta antiditatorial.

---

<sup>9</sup> A ideia de que fazer a revolução era o imperativo moral de todo homem revolucionário foi difundida por Che Guevara e Fidel Castro. “– ¡Enmontañarse lo más pronto posible!”, esta era a proposta de Guevara para a organização dos focos guerrilheiros.

<sup>10</sup> José A. Moreno apontou que a vanguarda é constituída pelas pessoas com melhores mentes e espíritos, superiores ideológica e moralmente. Portanto, essa minoria ativa seria capaz de lutar por novos ideais, e trazer a população oprimida para a causa revolucionária.

Em referência ao sandinismo como forma de luta, pode-se apontar uma posição semelhante tanto antes quanto depois da queda do regime somozista. Nesses momentos, o movimento pareceu criar certa hesitação entre a busca de uma coalizão com as forças opositoras e o avanço direto à tomada de poder. Segundo Alain Touraine (1989, p. 382-383), grande parte dos combatentes sandinistas não eram movidos por concepções sociais e/ou econômicas, mas, acima de tudo, eram instigados por uma “consciência aguda da luta inevitável contra os Estados Unidos”. Dessa forma, um regime de mobilização permanente era necessário para que os objetivos políticos da revolução fossem alcançados. Isso porque a percepção de um inimigo comum a todo povo nicaraguense - no caso o imperialismo estadunidense representado pela ditadura da família Somoza, fazia parte da estratégia da FSLN para que o espírito combativo popular estivesse avivado.

Analisando estudos a respeito da Revolução Sandinista (ORTEGA SAAVEDRA, 1980; RAMÍREZ, 2011; VILAS, 1986; ZIMMERMANN, 2006), pode-se perceber que a FSLN também foi capaz de aproveitar as contradições objetivas da estrutura sócio-econômica do país em proveito de sua estratégia revolucionária; estratégia essa que somente teve o predomínio insurrecional a partir de 1978, quando da unificação das três tendências existentes entre os sandinistas<sup>11</sup>. Dito de outra forma, a FSLN elencou forças sociais heterogêneas coadunando-as em torno de um alvo comum: liquidar o governo da família Somoza para assim desobstruir o caminho da emancipação do país em face do que consideravam imperialismo, ou seja, afirmar a autodeterminação nacional (posteriormente, após a vitória revolucionária, traduzida no tripé pluralismo político, economia mista e não alinhamento internacional).

Ademais, considerando o governo Somoza um verdadeiro hiato entre Estado e sociedade, o embate insurrecional, oriundo de uma crise revolucionária articulada nas relações de poder, explodiu como uma guerra de praticamente toda a sociedade contra o poder pessoal da família Somoza, em prol de uma reorientação do processo de desenvolvimento nicaraguense.

Nesse sentido, Carlos María Vilas (1986, p. 71) apontou a essencial aproximação da direção sandinista com as massas trabalhadoras, futuros agentes da revolução:

A arbitrariedade do exercício do poder político-militar da ditadura, o caráter indiscriminado da repressão, são sentidos de maneira mais direta e generalizada nas classes populares e convertem a rebeldia ativa e a

---

<sup>11</sup> Tendência Proletária, Guerra Popular Prolongada e Tendência Insurrecional.

participação na luta revolucionária em uma questão defensiva, de vida ou morte.

Portanto, pode-se inferir que o sandinismo chegou ao poder, ou melhor, à condução do movimento de libertação nacional em um cenário político de ordem debilitada e carente de alternativas programático-partidárias, conduzindo um projeto abrangente, porém pouco preciso de democratização sob a hegemonia popular.

Quanto à orientação estratégica, sabe-se que a Frente Sandinista teve em Carlos Fonseca Amador um de seus alicerces programáticos. Ex-líder estudantil e fortemente influenciado pela experiência de Sandino, o fundador da FSLN entendia que cabia a eles – sandinistas e seus seguidores – terminar o que Sandino havia iniciado algumas décadas antes. É importante notar que tal quadro se situava diante de uma nova situação mundial, marcada pela vitória da Revolução Cubana em 1959. Contudo, à medida que a Tendência Insurrecional – os chamados terceiristas – ganhavam espaço e se tornavam hegemônicos na direção da FSLN, a abordagem ideológica começou a se diferenciar do sandinismo revolucionário de Fonseca Amador. Adeptos de alianças com outros setores sociais, como as forças burguesas antisomozistas, cuja ação complementar à da luta armada, o grupo dos irmãos Humberto e Daniel Ortega assistiu a um vigoroso crescimento de um padrão de auto-organização por parte das massas populares, isso em consequência do recrudescimento das ações repressivas de Somoza (como o já citado assassinato de Pedro Joaquín Chamorro e a enorme onda de insatisfação impulsionada pelo fato) e das cada vez mais eficientes iniciativas da FSLN.

Nesse sentido, o que diferenciou a insurreição sandinista dos outros casos foi a articulação da insurgência das massas com o papel diretor de uma organização revolucionária que, dando continuidade à ação quase espontânea e direta da população, aumentando sua eficácia operativa e seu grau organizativo, além de condensar inúmeras contradições que organicamente nutriam os protestos populares, ratificou sua condição de vanguarda e conduziu o povo ao triunfo insurrecional.

Apesar disso, releva-se que o rechaço à exploração social e à opressão política não implicam, ou pelo menos não implicaram na Nicarágua, na incorporação espontânea ou automática das massas à forma de luta revolucionária ou até mesmo na aceitação da ideia de real necessidade de uma mudança revolucionária. Da mesma maneira, pode-se analisar que uma crise econômica ou atividades repressoras também não são suficientes para a aderência popular à opção revolucionária. Explosões e irrupções violentas podem surgir por meio de impulsos pessoais, mas são politicamente intransitivas em um quadro mais amplo. O elemento

essencial é a existência de uma articulação entre massas e uma organização revolucionária; por meio dela abrem-se as possibilidades de uma luta eficaz, de vitalidade transformadora.

A revolução, nesse meio, assumiu o comando de um processo motorizado pela contradição nacional-democrática (VILAS, 1986, p. 103). Mas é importante não esquecer que a primazia do político nos movimentos de libertação (e por consequência na constituição do campo nacional-popular) envolve uma questão de representação. Em dita relação de identidade social, análises apontam para um critério pretensamente classista. Contudo, a representação transfigura-se como uma relação política e não sociológica; apesar de dita relação política poder abranger defasagens sociológicas. Essa discussão é especialmente relevante nos movimentos político-sociais latino-americanos, visto que nesses movimentos “muitas vezes o sujeito histórico que desenvolve a luta não coincide com o conteúdo da luta nem com os métodos utilizados, misturando-se assim vários sujeitos, diferentes anseios e combinando-se diversos métodos de luta” (LÓPEZ et al., 1979, p.13).

Sendo assim, na Nicarágua, a FSLN recolheu elementos de consciência popular, provenientes de Sandino e avivados por outros símbolos nacionais como Rubén Dario<sup>12</sup> e Benjamín Zeledón<sup>13</sup>, para atuar em um terreno que julgavam propícios para a luta revolucionária. A necessidade e a legitimidade da luta armada foram constantemente pregadas, como nas palavras de Sandino entoadas por combatentes: “A soberania de um povo não se discute: se defende com as armas na mão” (SANDINO apud RAMÍREZ, 2011). Nesse sentido, o relato do combatente Omar Cabezas (2008, p. 26-27) merece exposição, ao relatar o sentimento generalizado de mudança e esperança:

É que as ações armadas de toda vanguarda revolucionária não apenas fortalecem moral e politicamente as massas, isto é, não apenas repercutem fora, como também fortalecem moral e politicamente dentro, elevam a predisposição combativa da militância... É um fenômeno extremamente rico e que é preciso ter vivido para compreender afundo. A gente se sente em segredo, calado: vanguarda. [...] E a organização transformava-se em uma espécie de válvula de escape para dar rédeas aos sonhos, aos desejos [...]. A organização permitia sonhar acordado, tendo uma justificativa permitida. E eu me atrevia a dizer que este era um sentimento generalizado na maioria, que dia a dia foi crescendo.

---

<sup>12</sup> Poeta nicaraguense que viveu de 1867 a 1916, de importante faceta social e cívica. Alguns de seus poemas foram cantados por inúmeros combatentes sandinistas.

<sup>13</sup> Benjamín Zeledón, político e militar nicaraguense; lutou contra o governo conservador de Adolfo Díaz, que era apoiado pelos EUA, morreu em combate em 1912. Foi uma grande influência de luta para Sandino.

Nessa orientação em direção à luta armada faz-se pertinente uma pequena discussão sobre a revolução e a cultura política não só na Nicarágua, mas também em toda a América Latina. Sabe-se que a ideia de revolução é, e foi, um poderoso componente da cultura política da América Latina. Segundo José Luiz Beired (1996), o primeiro momento de legitimação da revolução na América Latina provém do processo em que a mesma adquiriu sua soberania política. Ou seja, a libertação nacional, e os movimentos provenientes dessa, foi o marco fundador da forma revolucionária entre os latino-americanos. Na lógica política revolucionária pregada, o discurso assumido é o de refundar a sociedade, redefinindo os lugares dos atores políticos e sociais; percebe-se então um recorte entre dois campos antagônicos: a nação em si, e seus inimigos, opositores de uma proposta nacional. De acordo com esta ideia, pode-se notar que são categorias morais e não políticas as que marcam dita delimitação. Além disso, tem-se praticamente uma imposição à luta armada, uma vez que ocorre um esvaziamento da esfera política como campo de disputa de interesses e dá-se uma sobreposição da lógica peculiar à guerra.

É de se destacar igualmente o caráter de confluência de forças em todo o processo insurrecional, em especial nos momentos finais, próximos à queda da ditadura Somoza. As diferenças ideológicas e sociais dos vários grupos participantes parecem ter sido suplantadas a favor de uma causa comum. Logicamente que a intensa oposição e repúdio ao regime da família Somoza contribuíram para tal situação, mas é marcante a riqueza participativa em todo o processo.

Portanto, a estrutura orgânica da FSLN definiu-se, antes de tudo, como a representação de um ator político que se caracterizava pelo desenvolvimento de uma atividade específica – a luta armada – em um ambiente já definido – o quadro hostil e repressor do regime somozista, e por um objetivo – a obtenção do poder. Em dito período tratado, a FSLN era uma organização político-militar altamente centralizada, construída sob enlaces verticais rígidos e comandada por uma direção baseada na hierarquia militar. Nota-se que essa visão de organização centralizada, reduzida e hierarquizada não foi alheia ao contexto de desenvolvimento de sua atividade revolucionária opositora. A hostilidade do quadro ao seu redor – imbuído de repressão – exigiu uma coesão organizativa, sem a qual a eficiência das atividades sandinistas seria questionável. A partir da segunda metade de 1978, especialmente após a reunificação das três tendências, coube à FSLN efetivar uma lógica de preenchimento do vazio político-ideológico-social que a ditadura impôs ao seu redor. Daí a inevitável incorporação de uma estratégia política à sua ação militar.

## **Ruptura institucional: a via armada**

A opção pela via armada perpassa antes de tudo por um caráter político. Caráter este que determinou toda a sequência estratégica que culminaria na vitória de 19 de julho de 1979. De acordo com o sociólogo Alain Touraine (1989, p. 381), a luta armada contra Somoza foi muito menos uma guerrilha do que uma guerra de libertação nacional ou mesmo uma guerra de criação nacional, já que o país era muito pouco integrado. Assim, a lógica central do movimento insurrecional seria uma luta anti-imperialista. Isto infere que as ditas guerras de libertação nacional traduzem-se em movimentos sociais populares levados, naturalmente, a dar prioridade à luta contra um inimigo externo – quase sempre apontado como o imperialismo – e, ao mesmo tempo, também contra um poder político a serviço desta dominação externa. Nesse sentido, a maioria de ditos movimentos traz consigo traços nacionalistas, multiclassistas e antimodernizadores.

Nesse momento da discussão, cabe expor a respeito do fim político da guerra revolucionária e o uso da luta armada, não se limitando à Nicarágua. Tomemos como princípio o conceito de guerra revolucionária como uma guerra civil de classes caracterizada politicamente pelo enfrentamento armado. Nesse sentido, percebe-se que a guerra é a própria política travestida com toda a violência de sua força (SAINT-PIERRE, 2000). Amparada nas relações de força, o objetivo final traduz-se no aniquilamento inimigo, no caso nicaraguense o Estado repressor da família Somoza. Nesse confronto pela hegemonia política, dá-se também um confronto de valores e a opção revolucionária exige uma ação que só pode ser violenta. Com isso, a guerra – nesse caso revolucionária – é, como ponderou Clausewitz, a “continuação da política por outros meios”.

Ao analisarmos a situação nicaraguense, transparece que a via pacífica ou diplomática poderia ser possível, contudo, o processo político-institucional durante a ditadura Somoza já estava tão agravado e aprofundado que nos parece que a luta armada foi inevitável.

Sabe-se que as ações coletivas portadoras de violência são as que apelam, conjuntamente, para a defesa de uma comunidade e para a luta contra um inimigo comum, definido como estrangeiro. Na América Latina, especificamente, comumente viu-se os movimentos sociais transformarem-se em violência política. Alain Touraine (1989) analisou de maneira interessante as expressões sociais das massas populares. Segundo o mesmo, na América Latina, a violência política aparece simultaneamente como o contrário dos regimes nacional-populares e, concomitantemente, como uma de suas tendências. No quadro da

política latino-americana, tem-se ao mesmo tempo uma busca da hiperparticipação política e cultural das massas urbanas e o uso da violência como resposta à exclusão. Contudo, mesmo a violência estando inscrita na realidade através da repressão, Touraine apontou uma dificuldade de se passar do protesto à ruptura e/ou à violência revolucionária; isso porque apesar da exploração e da dominação, o sistema político latino-americano testemunha, de certa maneira, uma capacidade de integração. Desse modo, a transformação da violência social em revolução e poder revolucionário exige um quadro específico para o desenvolvimento de um caráter mais arraigado na necessidade de mudança.

No quadro geral da América Latina durante a segunda metade do século XX tinha-se uma tendência, ou uma disposição para tal, que erigia a ideia de revolução como necessidade primeira para um desvencilhamento do imperialismo (ou neo-imperialismo, entendido como forma de exploração dos países pobres por potências político-econômicas, em especial os Estados Unidos<sup>14</sup>). Na conjuntura política do continente, percebe-se que foi a imagem da Revolução Cubana apresentada um dos fatores de empolgação dos simpatizantes revolucionários e da juventude latino-americana. Contudo, esse mesmo entusiasmo traz consigo generalizações a partir da experiência guerrilheira, levando a subestimar ensinamentos do processo revolucionário propriamente dito. O sentimentalismo da busca por mudanças invariavelmente leva à tendência em simplificar o trabalho revolucionário, ante a dificuldade de seu processo criador. Como expôs Miguel Urbano Rodrigues (1968, p. 3): “Raro é o revolucionário que não chega à ideia da necessidade da Revolução pelos caminhos do sentimento”. Mas o que queremos elucidar é o possível equívoco costumeiro de alguns líderes ou grupos revolucionários da América Latina: baseando-se na experiência cubana, erigiram em modelo o caminho (a luta armada), transplantaram a forma (a guerrilha), e tomaram ambas pelo resultado alcançado (a revolução socialista). Portanto, diante dos equívocos, faz-se necessário apontar que a criação de focos guerrilheiros exige, para a possibilidade de significativos resultados e eficiência, a existência prévia de focos políticos.

---

<sup>14</sup> No caso nicaraguense, tal ideia foi desenvolvida por membros da Frente Sandinista, a partir da interpretação leninista do imperialismo como força política e econômica monopólica que tende a manter e aprofundar os desequilíbrios entre países pobres e ricos, delimitando opressores e oprimidos. De acordo com o Programa Histórico da FSLN, uma das principais propostas políticas era lutar “*contra el nuevo y viejo colonialismo y contra el enemigo común: el imperialismo yanqui*” (FRENTE SANDINISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL, 1984). Na América Central, em geral, a “ideia imperialista” estava associada diretamente ao intervencionismo estadunidense em questões nacionais de governabilidade, seja com influências econômicas ou ingerências militares, exemplificado na chamada “Guerra das Bananas”, conflito que envolveu inúmeras ocupações e intervenções em praticamente todos os países do istmo no início do século XX, motivado por interesses econômicos (principalmente da *United Fruit Company*) e políticos (manutenção de esferas de influência). Ver também: HOBBSAWM, 1983; IANNI, 1988; LENIN, 2005.

Ou seja, a existência de um movimento armado não pode, e não deve, significar a desnecessidade igualmente de um movimento de massas; visto que o primeiro eventualmente só terá significado desde que o segundo já se traduza em realidade (RODRIGUES, 1968). Pontuamos essas considerações para que fique mais claro as possibilidades de luta existentes no período tratado, de forma a possibilitar traçar paralelos com a opção pela via armada na Nicarágua, permitindo analisar o processo à luz da conjuntura continental de tentativas revolucionárias.

Pode-se questionar um ponto que é praticamente intrínseco a todo movimento revolucionário, seja ele vitorioso ou não. O nascimento da FSLN como vanguarda revolucionária, e o consequente momento revolucionário, teve como marca o constante risco (ou até uma realidade, um fato real) da “sobreideologização”, quer dizer, a relativa ameaça de interpretações que se servem dos fatos para se autoconfirmar, não levando em consideração ou mesmo ignorando as reais particularidades de todo o processo. Portanto, vê-se nesta associação entre a tradição de um passado combativo e a forte carga ideológica uma espécie de continuidade histórica no tempo, desde a época de Sandino até a vitória sandinista em fins da década de 1970. Como bem expuseram Sergio Ramirez (2011) e Fernando Mires (2005), buscar as origens e os princípios ideológicos de uma revolução em seu passado não significa necessariamente que a mesma já estava programada historicamente ou pré-determinada pela existência de condições propícias. Nesse sentido, o processo revolucionário nicaraguense possuiu como esfera de atuação um espaço sociologicamente heterogêneo e contraditório, mas que foi unificado politicamente pela dinâmica da revolução (VILAS, 1986). De acordo com essa linha de análise, pode-se inferir então que o eixo aglutinador de referida unidade do povo nicaraguense foi antes político-ideológico do que de classe.

Assim, o movimento sandinista adotou a opção armada alicerçado em fatores desestabilizadores comuns a toda América Central: rigidez dos sistemas políticos, agravamento da polarização econômica e social, transformações ideológicas em curso e tensa conjuntura internacional. A “política das armas” (ROUQUIÉ, 1994) da FSLN, exercida sob a forma de um partido-exército, buscou uma resposta imediatista à desilusão com relação às opções democráticas, fruto de uma “consciência desesperada” (TORRES RIVAS, 1987) que emergiu como consequência da vitória cubana em 1959.

Até mesmo as divergências internas da FSLN, muito mais flutuações estratégicas do que oposições políticas e/ou ideológicas se inseriam nessa análise de solução rápida ao conflito interno do país. Isto porque ditos fracionamentos táticos agregam diferentes formas

de luta, de vários segmentos sociais, que se uniriam somente no momento da etapa final da insurreição.

De maneira geral, considera-se que no fim da década de 70, especialmente após 1978, a política não só nicaraguense, mas também de todo o istmo, se reduzia à guerra (MIRES, 2005; RAMIREZ, 2011; ROUQUIÉ, 1994). Mobilizações populares e violências esporádicas demonstraram a crescente militarização centro-americana. É importante ter esse quadro aclarado devido à dimensão dos conflitos da América Central: não se pode compreender sua envergadura, duração e vicissitudes sem ter em conta sua dimensão internacional, intimamente ligada aos fatores nacionais e regionais.

Nesse sentido, percebe-se que os movimentos inspirados pelo impulso e exemplo da Revolução Cubana tiveram por objetivo derrubar ditaduras pessoais, corporativas ou partidárias. Na emergência de um ambiente de conflito armado, a brutalidade do movimento opositor do Estado, a contrainsurreição, deu às guerrilhas e às milícias uma repercussão popular de grandes dimensões, até mesmo inesperada.

O período de germinação revolucionária correspondeu a um momento de crescimento econômico acelerada na América Central. Como expôs Alain Rouquié (1994, p. 86):

En cuanto a las condiciones sociales, las sublevaciones de masas y la aparición de los movimientos armados no se pueden atribuir a la desesperación de una miseria secular, a la cólera popular ante el estancamiento o la falta de desarrollo, incluso a las “privaciones relativas” debido a una brusca recesión. En realidad, el periodo de germinación revolucionario nace del encuentro entre un crecimiento acelerado que trastorna las relaciones sociales con trabas políticas aparentemente insuperables. Los “veinte gloriosos” de la economía centroamericana, el periodo más brillante del desarrollo del istmo en el siglo XX, confirman la hipótesis de Tocqueville: cuando la economía mejora, las injusticias se vuelven más insoportables, las reivindicaciones más conscientes y la situación puede devenir en revolucionaria.<sup>15</sup>

Portanto, segundo as predições de Rouquié, o fim do dinamismo econômico não foi a causa direta ou indireta dos enfrentamentos armados, senão sua consequência. Ao analisarmos com maior atenção dita situação, no caso nicaraguense, percebe-se que, na realidade, foi a alta

---

<sup>15</sup> Tradução livre: Em relação às condições sociais, as sublevações de massa e a aparição dos movimentos armados não se podem atribuir ao desespero de uma miséria secular, à cólera popular ante a estagnação ou a falta de desenvolvimento, inclusive às “privações relativas” devido a uma brusca recessão. Na realidade, o período de germinação revolucionária nasce do encontro entre um crescimento acelerado que perturba as relações sociais com amarras políticas aparentemente insuperáveis. Os [anos] “vinte gloriosos” da economia centro-americana, o período mais brilhante do desenvolvimento do istmo no século XX, confirmam a hipótese de Tocqueville: quando a economia melhora, as injustiças se tornam mais insuportáveis, as reivindicações mais conscientes e a situação pode tornar-se revolucionária.

conjuntura dos *veinte gloriosos* que criou as condições que permitiram as explosões e avanços insurrecionais, não só por razões políticas evidentes mas também devido ao caráter desestabilizador da modernização acelerada.

Ou seja, as transformações econômicas setoriais provocaram transtornos e geraram tensões de tal forma que a rigidez dos sistemas institucionais não estava em condições de canalizar e integrar as mesmas. Isso porque a dita modernização gerou desequilíbrios na trama social do setor urbano e conflitos sociais no campo (na área rural, em virtude das transformações na agricultura).

Em países como El Salvador e Guatemala, a pauperização rural tornou-se uma das “fontes” de apoio e estímulo às mudanças político-sociais. Expulsados ou despojados de suas terras por empresas agrícolas capitalizadas, os pequenos camponeses se “proletarizaram” total ou parcialmente. Dissuadidos pelo desenvolvimento da agroexportação (com atuação direta dos Estados Unidos), a maioria dos camponeses tornaram-se um fomento às guerrilhas rurais. Contudo, na Nicarágua o problema agrário repercutiu de maneira mais amena comparando-se com os países vizinhos. Em função de uma menor concentração de propriedades e de uma burguesia débil, tal fator cumpriu papel relativamente modesto nos conflitos sociais que deram origem à Revolução Sandinista.

Todavia, mesmo sendo a análise acima exposta recorrente e comum à maioria dos estudos a respeito da Nicarágua, há autores que expõem um ponto de vista distinto. Destaca-se Carlos Vilas, que morou no país na década de 1980. Para o mesmo, o desenvolvimento desigual da classe operária (incluindo-se nela a fração de camponeses que se “proletarizaram” devido à modernização capitalista) gerado pelo capitalismo agroindustrial interferiu no avanço da luta revolucionária. Contudo, Vilas ressaltou que não se pode falar de crise econômica na Nicarágua da década de 1970. É inegável que na segunda metade da década de 1970 houve um processo gradativo de pauperização das massas populares que, sem dúvida, desempenhou um papel dinamizador na integração de ditas massas à luta revolucionária. No entanto, tais aspectos não são suficientes para a configuração de uma crise econômica. Além disso, uma crise de aspecto econômico não possui muito significado em si mesma se não existirem condições políticas para transformá-la em um fator que impulse um processo revolucionário. Nas palavras de Carlos Vilas (1986, p.56): “A nossa posição sugere que, a meados de 1977, se abre na Nicarágua uma verdadeira crise revolucionária, da qual a crise econômica desencadeada em 1978 – e não antes – será um capítulo ou dimensão”. Ou seja, a queda da ditadura Somoza foi produto de uma crise política revolucionária que, em

determinado momento, ativou uma crise econômica. O aspecto econômico teve parcela no fomento à insurreição, mas associado a outros fatores, que em conjunto fortaleceram a FSLN e caminharam até uma ampla transformação:

A nova dinâmica da economia, as contradições introduzidas por ela no seio das classes proprietárias, a veloz e intensa alteração das condições de vida das massas e, por outro lado, as transformações do sistema político regional seriam conjugadas através do desenvolvimento de novas modalidades de luta popular que culminariam, em 1979, no derrocamento da ditadura somozista. (Ibid. p. 13)

Portanto, apesar de análises que o deixam em segundo plano, entendemos que o caráter econômico teve significativa parcela de participação na constituição do quadro geral da Nicarágua, e também da América Central, no qual a luta armada e os movimentos de tendência insurrecional emergiram com considerável intensidade.

A revolução na América Central perpassou por distintos processos e distintas visões. Para Edelberto Torres-Rivas (2008), as crises na região podem ser vistas como um processo de maturação em função da acumulação de problemas e da inevitável revolta dos mais pobres. Os movimentos revolucionários, então, traziam consigo ações reivindicatórias que quase inevitavelmente terminavam em uma crítica do existente, em uma definição pelo rechaço ao *status quo* das camadas governantes e da situação de opressão política, social e econômica. O fracasso do desenvolvimento econômico (baseado no modelo agroexportador) e a sincronia das diferentes crises também foram apontados por Carlos Figueroa Ibarra (1991), ainda que em cada país os movimentos revolucionários mostrassem peculiaridades ideológicas e organizativas próprias. A bandeira democrática era igualmente um símbolo comum, um plano de transformação para suprir o déficit hegemônico na região. Mudanças significativas no Estado centro-americano seriam possíveis sem a emergência revolucionária na segunda metade do século XX? O crescimento econômico da região nos anos 60 e 70 foi acompanhado de um progresso social, engendrando novos setores sociais e uma consequente polarização social. Como já apontamos (ROUQUIÉ, 1994, p. 141), todos os elementos de uma explosão armada estavam presentes: rigidez dos sistemas políticos, agravamento da polarização econômica e social e tensa conjuntura internacional. Porém, tais elementos por si só não necessariamente significavam uma aderência à revolução e à luta armada. Tampouco as condições eram iguais. A luta armada pareceu mais um instrumento útil e oportuno de setores populares a uma confluência de inúmeros e complexos fatores, locais e regionais; uma

resposta violenta à violência sofrida (TORRES-RIVAS, 2008, p. 144) em busca de um delicado equilíbrio.

A questão da necessidade da luta armada também foi pregada no âmbito de uma estratégia continental, através da Organização de Solidariedade aos povos da América Latina, África e Ásia. Na Declaração Final da I Conferência da OLAS (LÖWY, 1999), realizada em 1967 na cidade de Havana, em Cuba, especificamente nos artigos V, VI e VII, a luta armada foi pontuada como linha fundamental da Revolução na América Latina:

V – Que a luta armada constitui a linha fundamental da revolução na América Latina.

VI – Que todas as demais formas devem servir e não retardar o desenvolvimento da linha fundamental de luta armada.

VII – Que para a maioria dos países do Continente o problema está em organizar, iniciar, desenvolver e culminar a luta armada e isso constituiu a tarefa imediata e fundamental do movimento revolucionário.

Porém, dita posição pode ser questionada e colocada em choque com proposições marxistas-leninistas, tão defendidas e cultuadas por líderes revolucionários latino-americanos, uma vez que de acordo com Marx (2003) e Lenin (1980) a revolução não poderia ser feita sob medida, nem realizada de fora para dentro. Essa posição simplista da OLAS também se enquadra em uma das maiores críticas de Ernesto ‘Che’ Guevara (1980), na qual condenava a tendência mecânica em transformar a América Latina em uma uniformidade que jamais foi. Então, um problema fica evidenciado nessa perspectiva de luta revolucionária da segunda metade do século XX: a confusão entre a questão dos caminhos da revolução e a questão das formas de luta. Sabe-se que não há uma maneira de “fazer” a revolução, mas várias. Entramos mais uma vez no ponto referente à criação das condições objetivas e subjetivas para o desencadeamento da ação revolucionária: a simplificação do processo está muitas vezes ligada à tendência em separar reforma e revolução, de modo que ou se fica no imobilismo ou se limita a luta pela via armada. Entender a necessidade de ruptura do sistema é essencial, mas a aplicação da luta armada perpassa igualmente pelo trabalho político das massas e pela preparação organizada de todo o processo, levando em consideração todas as particularidades do país ou região, de forma a não simplesmente aplicar modelos prévios e estáticos. A Nicarágua deu provas da importância da organização e da consideração das especificidades locais (ainda que a FSLN tenha notado esses aspectos após erros em anos de luta) na escolha da luta armada.

A opção pela via armada foi mais intensamente defendida pelos *terceiristas*, adeptos da Tendência Insurrecional. Diferentemente dos dois outros grupos (Tendência Proletária e Guerra Popular Prolongada), os *terceiristas* defendiam um ritmo “mais acelerado” no processo insurrecional. Segundo Humberto Ortega (1980), era necessário capitalizar a rápida radicalização que emergira na sociedade nicaraguense. Tratava-se de agir conforme expõe Orlando Núñez Soto (1988):

En América Latina no se puede esperar que las condiciones objetivas originen las contradicciones, y que, a su vez, engendren la consciencia marxista a partir de la cual queremos que se guíe nuestra lucha revolucionaria [...] No es posible posponer la toma del poder en beneficio del proletariado hasta el día ilusorio en que acuda a nosotros un ejército de trabajadores luciendo el uniforme de proletario...<sup>16</sup>

A luta armada mostrava-se como a única opção eficiente para o objetivo político e geral da maioria da população, catalisada pela liderança estratégica da *Frente Sandinista de Liberación Nacional*. A guerra revolucionária que se pretendia só poderia ter como fim estratégico o aniquilamento total do inimigo<sup>17</sup> – no caso nicaraguense, a opressora ditadura somozista, desmobilizando-o militarmente e acabando com sua vontade de resistência. E, é nesse cenário sócio-político que a insurreição popular emergiria como tática primordial e final da guerra revolucionária.

### **Considerações finais**

A vitória insurrecional sandinista encerrou o longo ciclo de um regime oligárquico e desigual. De maneira geral, a insurreição foi uma mescla de enfrentamentos militares e revoltas populares, nem sempre sincronizados entre si. A partir desse momento, a experiência nicaraguense já estava marcada historicamente. O governo popular sandinista começaria um processo de transformações político-sociais que afetaria todo o país; e seus cursos incertos colocariam em dúvida o genuíno caráter da revolução social.

---

<sup>16</sup> Tradução livre: “Na América Latina não se pode esperar que as condições objetivas deem origem as contradições, e que, por sua vez, produzam a consciência marxista a partir da qual queremos que se guie nossa luta revolucionária [...] Não é possível adiar a tomada do poder em benefício do proletariado até o dia ilusório em que venha até nós um exército de trabalhadores vestindo o uniforme de proletariado”.

<sup>17</sup> A respeito da aniquilação total do inimigo, pode-se remeter à ideia de guerra total, exposta por Eric Hobsbawm (1995).

A Revolução Sandinista pode ser considerada resultado de um largo, descontínuo e frequentemente interrompido processo histórico cujas origens temos que buscar em um primeiro momento nacional aberto pelo governo liberal de José Santos Zelaya, iniciado em 1893. Posteriormente, a lógica das armas ditou a mudança e a insurreição foi o meio para a mesma. A transformação interna mobilizou inúmeros atores sociais e políticos e coube à FSLN aplicar de maneira correta as táticas e estratégias insurrecionais. Insurreição esta que marcou a história do continente e até hoje serve de inspiração para movimentos sociais e militares populares, seja pela participação das massas ou pela forma insurrecional aplicada. Um combate heterogêneo que comprovou ao mesmo tempo quão aplicável era a via armada e como a mobilização de um país pode transformá-lo.

### Referências Bibliográficas

BEIRED, José Luiz. Revolução e cultura política na América Latina. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (orgs.). *América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.

CABEZAS, Omar. *A montanha é algo mais que uma imensa estepe verde*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FIGUEROA IBARRA, Carlos. Socialismo y revolución en Centroamérica. In: *Dialéctica*, n. 21, ano 15, BUAP, México, 1991, p. 57-72.

FRENTE SANDINISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL. *Programa Histórico del FSLN*. Colección Viva Sandino v.4. Managua: Departamento de Propaganda y Educación Política del FSLN, 1984.

GUEVARA, Ernesto 'Che'. *Textos revolucionários*. São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 1980.

HOBBSBAWM, Eric. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.

\_\_\_\_\_. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LENIN, V.I. Exército revolucionário e governo revolucionário. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LENIN, V.I. *Escritos Militares*. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MARTÍ I PUIG, Salvador. La izquierda revolucionaria en Centroamérica: el FSLN desde su fundación a la insurrección popular. In: *Working Papers* n. 203, Institut de Ciències Polítiques i Socials (ICPS), Barcelona, 2002.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MIRES, Fernando. *La rebelión permanente: las revoluciones sociales en América Latina*. Delegación Coyoacán: Siglo Veintiuno, 2005.

MORENO, José A. *Che Guevara on Guerrilla Warfare: Doctrine, Practice and Evaluation*. Pittsburgh: Center of Latin American Studies, University of Pittsburgh, 1971.

NÚÑEZ SOTO, Orlando. *Transición y lucha de clases en América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1988.

ORTEGA SAAVEDRA, Humberto. *50 anos de luta sandinista*. São Paulo: Quilombo, 1980.

RAMÍREZ, Sérgio. *Adiós Muchachos: a história da Revolução Sandinista e seus protagonistas*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RODRIGUES, Miguel Urbano. *Opções da revolução na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

ROUQUIÉ, Alain. *Guerras y paz en América Central*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada: fundamentos da guerra revolucionária*. São Paulo: Unesp, 2000.

TORRES-RIVAS, Edelberto. *Centroamérica: la democracia posible*. San José (Costa Rica): EDUCA, FLACSO, 1987.

\_\_\_\_\_. *Centroamérica: entre revoluciones y democracia*. Bogotá: CLACSO/Siglo del Hombre Editores, 2008.

TOURAINÉ, Alain. *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural/Editora da Unicamp, 1989.

UDRY, Charles. A revolução nicaraguense. In: ANDERSON, Perry et al. *Crítica Marxista – A estratégia revolucionária na atualidade*. São Paulo: Joruês, 1986.

VILAS, Carlos. *Nicarágua, hoje: análise da Revolução Sandinista*. São Paulo: Vértice, 1986.

WICKHAM-CROWLEY, Timothy. *Guerrillas and Revolution in Latin America: A comparative study of insurgents and regimes since 1956*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Unesp, 2006.

ARTIGO ENVIADO EM: 12/05/2012  
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 25/05/2013